



Desafios de mercado e de sustentabilidade

Vivek Verma, da Olam, apresenta cenário preocupante para negociação e cultivo do café

O tom de alerta das palestras anteriores foi reforçado por Vivek Verma, Diretor Geral da Olam International Ltd, fundada em 1989 do comércio agrícola entre Nigéria e Índia. Segundo ele, os integrantes da cadeia global do café têm muitos desafios, desde a produção mais sustentável vital para a cultura até as mudanças nas negociações da commodity.

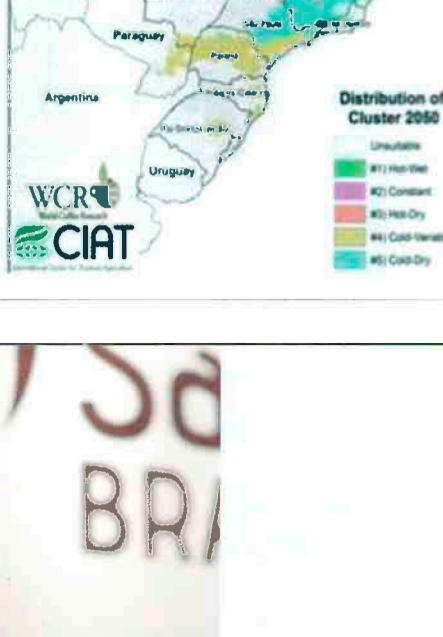
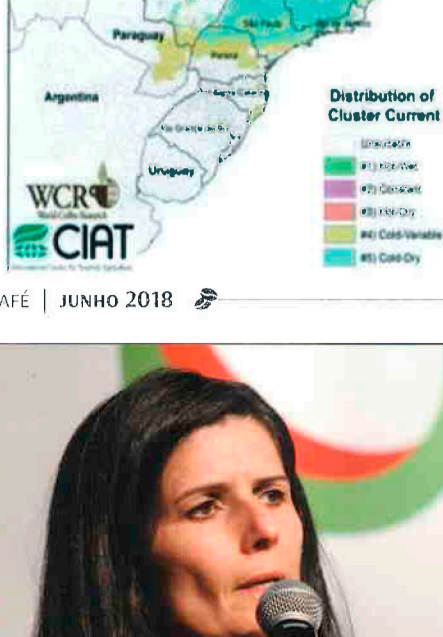
Verma apresentou a questão dos "Limites Planetários", propostos em 2009 no Centro de Resiliência da Universidade de Estocolmo. Na ocasião, três

limites haviam sido ultrapassados. Em 2015, já eram quatro: mudança climática, integridade da biosfera, mudança no sistema de terras e fluxos bioquímicos (fósforo e nitrogênio). Neste contexto, o cafeicultor brasileiro tem motivos para se preocupar porque, de acordo com Verma, quase 50% das plantações de café não estarão adequadas em 2050 (Confira mapas comparativos).

A necessidade de melhoria genética do café também foi defendida por Verma para o enfrentamento da mudança cli-

mática e do aumento de pragas e doenças nas lavouras. "As variedades no Brasil ainda têm pouca diversidade genética", afirmou.

A questão da pressão sobre os preços do café exercida pelos fundos de "hedge" voltou com Verma, que destacou o aporte de cerca de US\$ 350 bilhões com corretoras, além do aumento de estratégias quantitativas e de algoritmos. "No curto prazo, a atual pressão sobre o café vem do extremo posicionamento dos fundos diante das expectativas de uma boa safra 18-19 no Brasil", concluiu.



Zeina Latif - Economista Chefe, XP Investimentos

"Uma palestra dura"

Foi assim que economista-chefe da XP anunciou palestra sobre situação da Economia Brasileira

"Uma palestra dura". Desta forma, Zeina Latif, Economista-chefe da XP Investimentos, anunciou sua palestra que fechou o primeiro dia do seminário. Para explicar o cenário macro-econômico do Brasil em quase uma hora, ela mostrou indicadores, criticou gestão pública e até chamou a atenção dos cafeicultores. "Não é mais para pedir subsídio e proteções, pessoal. Acabou. Não tem dinheiro. A agenda é outra", advertiu.

Zeina afirma que enfrentamos a pior crise fiscal da história e a única saída são as

reformas ainda não votadas no governo Temer. "O ajuste fiscal necessário é de 4% do PIB (Produto Interno Bruto), no mínimo. É a espinha dorsal deste ajuste e a reforma da Previdência".

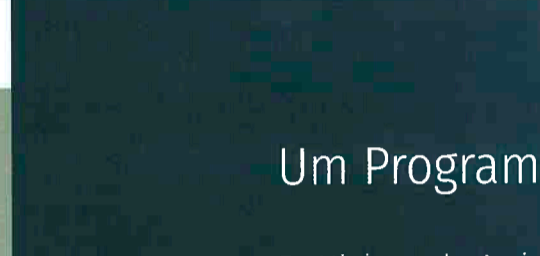
Zeina Latif responsabiliza, principalmente, o governo Dilma Rousseff pela atual situação: "Esta crise é nossa. Made in Brazil. Fruto dos nossos erros", critica. Além da reforma da Previdência, ela enfatiza a necessidade da reforma tributária, na sequência, como agenda fundamental para o próximo presidente. "A gente precisa ur-

gentemente acelerar a melhora do ambiente de negócios."

Havia uma grande expectativa do público pelas projeções de Zeina Latif para o dólar. Ela mostrou um gráfico (em destaque) com a produção industrial de economias avançadas e de emergentes. "O que faz o dólar ter uma tremenda valorização é quando os EUA estão muito melhor que o resto do mundo. O fato da produção industrial das economias avançadas estar "encostando" nos emergentes pode promover uma estabilização do dólar", concluiu.

Produção industrial

variação acumulada em 12 meses



Esta crise é nossa. É Made in Brazil

Fonte: CPB, XP. Elaboração XP Investimentos

Um Programa para o Brasil

Ex-Ministro da Agricultura detalhou propostas que pretende apresentar a candidatos à presidência.

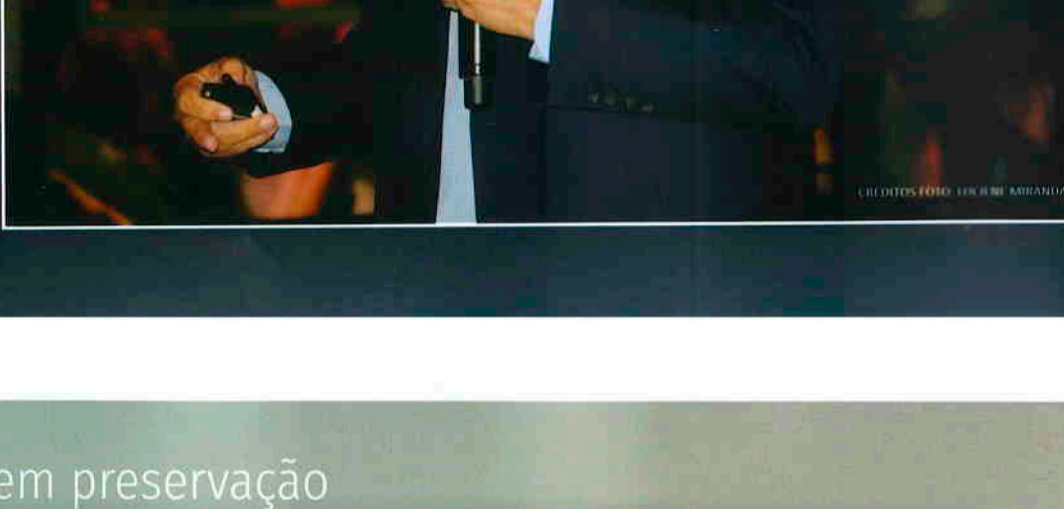
Entusiasmado, o ex-Ministro da Agricultura e Coordenador de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, Roberto Rodrigues, deu entrevista exclusiva à Revista do Café, minutos antes de sua palestra, antecipando informações e dando detalhes de um programa de governo para 30 anos em que trabalha junto com uma equipe multidisciplinar da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo, em Piracicaba. O estudo será apresentado a coordenadores de campanhas nas eleições deste ano. "Não é um plano para a agricultura, muito menos para o agronegócio, é um plano de Estado que permite transformar o Brasil no campeão mundial da segurança alimentar", afirma.

Nesta proposta, a prioridade é a solução de questões macro-econômicas: reformas da previdência, tributária, política, além de modernização da legislação do crédito rural, seguro rural e gestão. O plano ainda traz propostas para o câmbio e política monetária. A área de comunicação também está no projeto, coordenada pelo jornalista Humberto Pe-

reira, que trabalhou no Globo Rural. Os trabalhos são patrocinados por entidades privadas do setor agro ao custo estimado em R\$ 350 mil, de acordo com Rodrigues. "Nenhum candidato pode ignorar o agronegócio brasileiro, seja pelo PIB, exportações, seja por razão de caráter político, econômico e social, o agro tem que ser considerado", reitera

Não é um plano para a agricultura, muito menos para o agronegócio, é um plano de Estado que permite transformar o Brasil no campeão mundial da segurança alimentar

Roberto Rodrigues - Coordenador Agronegócio, Fundação Getúlio Vargas



Brasil campeão em preservação

Chefe geral da Embrapa apresenta dados que desmitificam preservação insuficiente no país

Dados incontestáveis obtidos pelo CAR, o Cadastro Ambiental Rural, foram apresentados por Evaristo Eduardo de Miranda, Chefe Geral da Embrapa, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, para mostrar que o Brasil é campeão de preservação no mundo. Na verdade, 30% do território são destinados à mata nativa, enquanto a média em outros países é de cerca de 10%. Em todo o país, o total de áreas destinadas à preservação ultrapassa 200 milhões, cerca de 49% das áreas dos imóveis (425 milhões de hectares). Contando áreas devolutas (militares, por exemplo) 66,3% das áreas são preservadas (563 milhões de hectares). "Em termos de área, isso equivale a toda a União Europeia e ainda cabe mais quase 4 Noruegas", brinca.

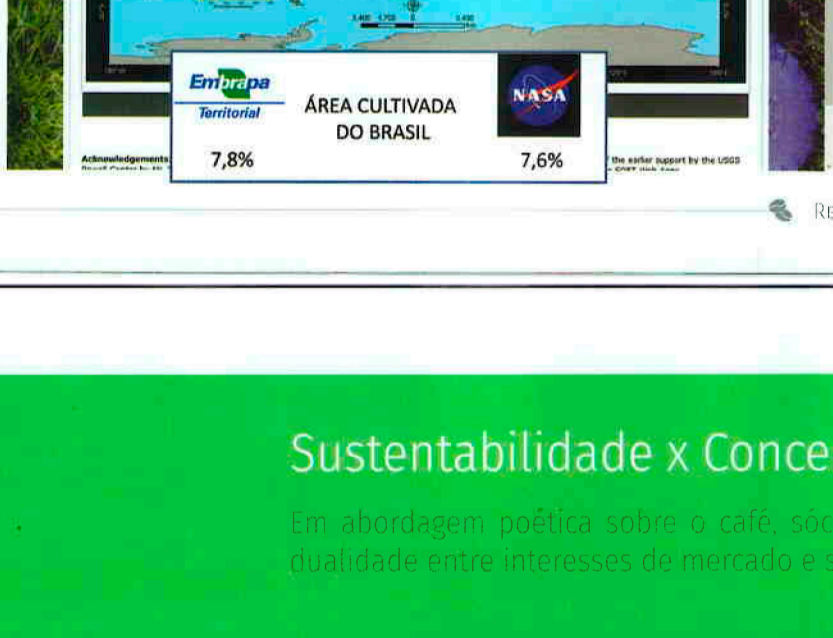
Este esforço de preservação ambiental dos últimos anos tem um custo. "O valor fundiário em prol do meio ambiente é de R\$ 3,5 trilhões que os agricultores colocam de seu patrimônio pessoal para o meio ambiente", critica



Evaristo Eduardo de Miranda - Chefe Geral, Embrapa Territorial

Miranda. Ele ainda lembrou que sempre houve contestação quanto aos dados da Embrapa sobre a área cultivada no Brasil, apontada em 7,8%. Acreditava-se que era maior. No entanto, em Dezembro do ano passado, a NASA publicou um estudo mundial das áreas cultivadas que apontou 7,6%

do território nacional com áreas cultivadas. (Detalhes no mapa). Sobre a diferença de 0,2%, Miranda brincou novamente: "Consideraram toda a banana do Vale do Ribeira como floresta (risos), mas eles tinham um desafio muito maior que era mapear toda a agricultura do planeta", pondera.



O Brasil preserva 66,3%. Nos EUA, o percentual cai para 19,9%

Sustentabilidade x Concentração de mercado

Em abordagem poética sobre o café, sócio do grupo Neumann fala sobre qualidade entre interesses de mercado e sustentabilidade

"Uma abordagem positiva e otimista", foi a proposta de David Neumann – Sócio Administrador da Neumann Gruppe GmbH no início de sua palestra sobre os recordes do mercado de café. "Temos que pegar um minuto ou dois para descobrir e admitir que somos incrivelmente privilegiados em trabalhar com este produto maravilhoso", declarou. O en-

tusiasmo não é à toa. Com 49 companhias e presença em 27 países, o grupo resultante de fusões e com origem em 1922, em Hamburgo, na Alemanha, possui uma fatia de 10% do mercado global.

Além de celebrar a cultura do café, Neumann fez críticas à concentração do cultivo em detrimento dos pequenos fazen-

deiros. Hoje, os três principais produtores são Brasil, Vietnã e Colômbia com 60% da produção global, acima dos 44% de dez anos atrás, e com projeção de aumento em 15 anos para 65%. Neumann criticou esta concentração e a estagnação, ou mesmo, o desaparecimento da plantação em outros países "É uma perda social e cultural para o mundo", lamentou.

Como o produtor pode ser remunerado e ser capaz de tornar seu trabalho economicamente mais sustentável no futuro?

Como o produtor pode ser remunerado?

A pergunta que persistiu no seminário não faltou nesta palestra. David Neumann disse que o aumento do consumo não acontece no mercado convencional e sim no segmento de cafés especiais e a preocupação é com a permanência do pequeno produtor neste setor. "Como o produtor pode ser remunerado e ser capaz de tornar seu trabalho economicamente mais sustentável no futuro? A proposta apresentada por ele é de dedicação da indústria de torrefação à cadeia do café inteira. Neumann disse que há excelentes exemplos de produções sustentáveis, mas ainda são poucos e distantes. "E os preços baixos contribuem para isso exercendo pressão de custos nas produções", concluiu.



David Neumann – Sócio Administrador, Neumann Gruppe GmbH

O Brasil e o mundo bebem mais café

Diretor Executivo da OIC explica os números globais crescentes do mercado

Os fluxos do comércio do café foram o tema da palestra de encerramento do seminário de José Sette, Diretor Executivo da OIC, a Organização Internacional do Café. Desde 2012, o comércio internacional vem passando por grande mudança com o aumento das exportações pelo Brasil e fortalecimento de novos players, a exemplo de Vietnã e Indonésia. O destino principal é a União Europeia. "As economias da União Europeia estão cada vez mais integradas e países como Alemanha e Bélgica, muitas vezes, são apenas a porta de entrada a esse mercado, mas não o destino final onde o café é consumido", explica.

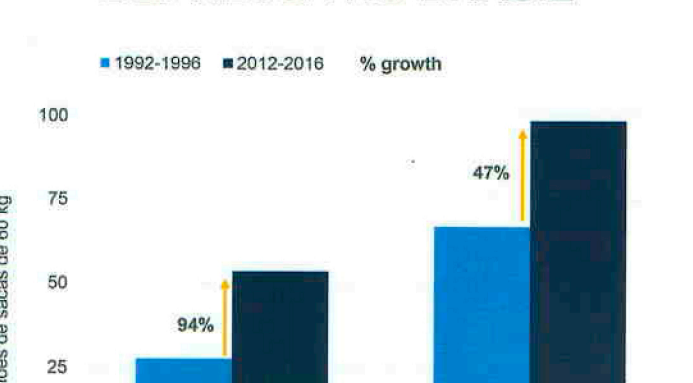
Sette ainda mostrou o crescimento mais rápido da produção de café brasileira em comparação com outros mercados no mundo, principalmente, por vantagens de custos de produção. Para todas as comparações, ele usou dois períodos de referência, de 1992 a 1996 e de 2012 a 2016. Enquanto o aumento da produção aqui foi de 94%, o avanço no mundo foi de 47%.

Os dados da OIC trazidos por José Sette ainda mostram que o Brasil reduziu a produção de café robusta (de 19% a 12%) e ampliou a de Arábica (de 81% para 89%) na mesma comparação por período.



José Sette - Diretor Executivo, OIC

PRODUÇÃO DE CAFÉ CRESCEU MAIS DEPRESSA NO BRASIL



ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS